



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2022: SIC - XXXIV SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2022
<b>Local</b>	Campus Centro - UFRGS
<b>Título</b>	O sujeito pós-colonial e o tornar-se sujeito na obra poética de Odete Semedo
<b>Autor</b>	ANA FISCHER DE ARAUJO SANTOS
<b>Orientador</b>	JANE FRAGA TUTIKIAN

A descolonização é urgente. A colonialidade colapsante criou um cenário ferido; pós-colonial não por indicar o fim das práticas coloniais, mas porque indica uma contemporaneidade que através das práticas sociais propaga o penso colonialista. O negro como sujeito objetificado pelo branco, para curar feridas coloniais, percorre um caminho de (re)tornar-se sujeito (Fanon, 1952). Partindo desse ponto, o trabalho objetiva detectar esse movimento de tornar a ser do sujeito no presente pós-colonial a partir da análise da poesia da guineense Odete Semedo e da busca do eu lírico por si. Para isso, utilizou-se também, além da obra de Fanon, “Pele negra, máscaras brancas”, O livro “Memórias de Plantação”, de Grada Kilomba; dele baseou-se na análise que Kilomba faz do pensamento de bell hooks sobre “sujeito” e “objeto”, sendo o “objeto” aquele que é definido pelo outro e que tem sua história designada apenas de maneiras que definem a sua relação com o “sujeito” (Kilomba, 2008). Essas obras possibilitam um olhar para a poesia de Semedo, principalmente com o livro “No fundo do canto” (2003), que capta um exercício extenso por parte da autora para retornar o contar da história para seu povo; retirando-o do local de “objeto” do mundo e colocando-o como o “sujeito” de uma realidade antes erroneamente nomeada, que agora se nomeia ela própria (Kilomba, 2008). Semedo, ao retratar a guerra civil guineense (1998-99) pelo contar através de símbolos do povo – como o *tcholonadur* e os *irans* – cria espaço para a narrativa decolonial. O ato da escrita como oposição ao penso colonialista; a história “interrompida, apropriada e transformada através da prática artística e literária” (hooks, 1990). Ao elaborar os próprios traumas-resquícios da guerra, Semedo também o faz em nome de uma nação; cria um espaço onde a história dos “vencidos” continua se fazendo (Delcastagnè, 1996), esses agora como sujeitos.